

14 de maio de 2021

## **A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira**

*O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem*



### **ANM VAI INSTITUIR BASE DE DADOS DOS COMPRADORES DE MINERAIS DE GARIMPEIROS**

*Cadastro Nacional do Primeiro Adquirente de PLG vai a consulta pública*

A ANM está instituindo um cadastro com todos os primeiros compradores de minerais provenientes da Permissão de Lavra Garimpeira, a PLG. A agência abriu até 20 de junho a consulta pública que vai colher contribuições para o Cadastro Nacional do Primeiro Adquirente de Permissão de Lavra Garimpeira, uma base de dados com as pessoas que adquirem minerais de garimpeiros ou de cooperativas.

O objetivo é conhecer, registrar e manter o banco de informações dos contribuintes da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais – CFEM, compradores de qualquer substância garimpável que segue o regime de PLG, como por exemplo, ouro, pedras preciosas, cassiterita, columbita, entre outros.

A ferramenta é inédita na ANM e busca uma maior eficiência e competitividade no mercado mineral brasileiro, além do aumento da arrecadação e distribuição de CFEM dos bens minerais provenientes de áreas garimpeiras.

Toda a sociedade pode contribuir na formação do Cadastro Nacional do Primeiro Adquirente de Permissão de Lavra Garimpeira. [Clique aqui e saiba mais.](#)

**Fonte: ANM**

**Data: 11/05/2021**



**CSN MINERAÇÃO**

### **US\$ 350 MI EM PRÉ-PAGAMENTO DE EXPORTAÇÕES**

A CSN Mineração S.A. e Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) informam aos seus acionistas e ao mercado em geral que a CSN Mineração assinou contrato de pré-pagamento de exportação no valor de US\$ 350 milhões com um sindicato de bancos formado por BNP Paribas, Tokyo Branch; Citibank, N.A., Tokyo Branch; Credit Agricole Corporate and Investment Bank, Tokyo Branch; e Societe Generale Bank e Tokyo Branch.

O acordo tem validade de 12 anos, a operação conta com seguro de crédito da Nippon Export and Investment Insurance (NEXI) e tem o objetivo de apoiar a CSN Mineração em seus projetos de melhoria e expansão de suas operações da Mina de Casa de Pedra, incluindo seus investimentos na independência de barragens por meio da filtragem de rejeitos, com o objetivo de garantir a continuidade do fornecimento de minério de ferro de alta qualidade para seus clientes japoneses de longo prazo e para o mercado em geral.

A operação marca o início da implementação pela CSN Mineração da estratégia de financiar seu crescimento utilizando instrumentos adequados para projetos de longo prazo. A consumação dessa transação está sujeita ao cumprimento de condições precedentes usuais para esse tipo de operação.

**Fonte: Brasil Mineral**

**Data: 14/05/2021**

## MINERAÇÃO BAIANA RECEBERÁ R\$ 70 BILHÕES EM INVESTIMENTOS ATÉ 2025

*Valor representa 35% dos aportes que serão distribuídos para todo país*

A produção mineral nacional apresentou um crescimento de 15% em toneladas no primeiro trimestre de 2021, e garantiu um investimento de R\$200 bilhões, que devem ser distribuídos por mineradoras pelo país até 2025. A maior parte desses investimentos está destinada à Bahia, com cerca de R\$70 bilhões sendo aplicados em cerca de 28 municípios. Os dados são do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM) e o valor representa 35% dos aportes catalogados pelo órgão em todo país.

O destaque para a Bahia está relacionado ao crescimento significativo na produção de minerais no estado. Nos três primeiros meses de 2021, o faturamento baiano bateu a marca dos R\$10,5 bilhões, contra o índice de R\$5,8 bilhões atingido no mesmo período do ano passado, representando um crescimento de 94% na receita.

Antonio Carlos Tramm, presidente da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM), reconhece a valorização do produtor da mineração, em especial do minério de ferro, e a desvalorização do real como alguns dos fatores responsáveis pelo incremento no faturamento das mineradoras. “Este aumento no volume de investimentos confirma que a mineração irá ocupar cada vez uma posição de destaque no desenvolvimento econômico da Bahia, na geração de empregos e de tributos”, afirma.

Os 92 projetos que integram o portfólio das mineradoras para receber os aportes estão situados na área de influência regional de mais de 81 municípios, em vários estados, e vão contribuir para movimentar a economia a médio e longo prazo, com promoção a negócios em extensas cadeias produtivas, geração de empregos e aumento da arrecadação tributária, entre outros benefícios socioeconômicos, como a geração de mais renda.

Segundo o IBRAM, no 1º trimestre do ano a indústria da mineração recolheu quase 102% a mais em tributos totais do que no 1º trimestre de 2020: R\$ 24 bilhões ante R\$ 12 bilhões. O saldo de empregos do setor também teve saldo positivo neste trimestre, com 11 mil novos postos diretos. As vagas diretas abertas nas mineradoras geram empregos indiretos da ordem de 1 para 11 ao longo das cadeias produtivas, informa o IBRAM.

Para Flávio Penido, diretor presidente do IBRAM, a mineração passa por um ciclo ascendente, o que torna o momento ideal para criação de melhores condições que permitam que a atividade legalizada possa se expandir. “Quando a mineração está em um ciclo positivo ela assegura insumos e impulsiona negócios para milhares de empresas de todos os portes e de praticamente todos os segmentos, o que é extremamente positivo para a economia nacional”, afirma. “Os dados que divulgamos mostram que a sociedade deve enxergar a mineração como uma parceira para o desenvolvimento socioeconômico perene do país”, acrescenta Penido.

**Fonte: Correio\***

**Data: 14/05/2021**



### GOVERNO FEDERAL REDUZ RISCO NA VENDA DE ATIVOS MINERÁRIOS

Pensando em estratégias que possam alavancar o crescimento do país, o governo federal está aplicando soluções que reduzem o risco dos investidores no Brasil. Desde o início do ano, três ativos minerários do Serviço Geológico do Brasil (SGB/CPRM), empresa pública vinculada ao Ministério de Minas e Energia (MME), estão em processo de venda (licitação pública), além de outros ativos da Agência Nacional de Mineração (ANM) inseridos no Programa de Parceria e Investimentos (PPI).

Um exemplo dessa prática no setor de mineração ocorre através da redução do percentual de investimento inicial que a empresa precisará aportar para iniciar as pesquisas geológicas no projeto. Em relação a essa primeira parcela do bônus de assinatura, o valor pago no primeiro leilão foi de 10% enquanto que nas novas áreas em licitação pode-se chegar a apenas 2,5%. A redução também se aplica no valor de investimento mínimo em pesquisa.

Comparamos os dados de quatro leilões de ativos minerários do SGB-CPRM. O complexo polimetálico de Palmeirópolis, vendido em outubro de 2019 para a empresa australiana Perth Recursos Minerais, com os depósitos de cobre, fosfato e de caulim, todos com editais publicados e em andamento.

Na avaliação, e mesmo com valores finais diferentes, as parcelas do bônus de assinatura foram reduzidas. Isso quer dizer que o vencedor do leilão arca com um valor reduzido a partir da compra do depósito e tem mais segurança para iniciar as suas próprias pesquisas que concluem se a área é realmente produtiva conforme as descrições do edital.

Segundo o diretor de Geologia e Recursos Minerais do Serviço Geológico, Marcio Remédio, esta medida facilita a tomada de decisões por parte dos investidores. "No projeto Cobre de Bom Jardim, por exemplo, a primeira parcela do bônus de assinatura caiu de 10% do valor total para 2,5%. Ou seja, o investidor que arrematar o depósito de cobre precisa arcar com uma quantia inicial bem mais reduzida em comparação com a venda do primeiro ativo em Palmeirópolis", afirmou.

Outro depósito que está à venda é o de fosfato, localizado nos estados da Paraíba e Pernambuco. Este depósito tem um risco ainda menor, pois os valores iniciais são os menores da cartela de produtos ofertados. O depósito tem valor inicial para venda de apenas R\$30 mil reais e promessa de cessão de 50% deste valor, ou seja, uma bagatela de R\$15 mil reais.

A empresa justifica a redução dos valores nas primeiras parcelas do investimento como uma contribuição para a economia e o desenvolvimento do setor mineral. "Nossas pesquisas fomentam o desenvolvimento do setor e certamente a possibilidade de geração de riqueza nacional. Um investimento mais baixo no início do certame traz mais segurança para o investidor e facilita a tomada de decisões estratégicas", afirmou Esteves Colnago, diretor-presidente do Serviço Geológico do Brasil.

Já a Secretária do Programa de Parceria de Investimentos, Martha Seillier, afirma que este modelo de leilões é inovador por trazer o parceiro privado junto com o governo para avançar nessa agenda de pesquisas. "Nós estamos assegurando ao investidor que estes projetos são promissores desenhando incentivos para que todas as incertezas relativas à necessidade de pesquisas complementares sejam precificadas e os riscos sejam mitigados ao longo do processo. Esse pagamento será dividido em fases ao longo do processo, permitindo que as pesquisas avancem com mais informações e consequentemente com os pagamentos dos bônus e dos royalties", disse a secretária.

Esta semana está acontecendo o projeto Diálogos com o Setor Mineral sobre o projeto Caulim. As reuniões online one on one prometem sanar as dúvidas dos interessados e vai do dia 10 ao dia 14. As inscrições ainda podem ser feitas através do site do Serviço Geológico do Brasil.

Além disso, o processo de licitação dos depósitos de Cobre de Bom Jardim e de Fosfato de Miriri serão leiloados no próximo mês, dia 10 de junho, presencialmente no Rio de Janeiro. Todas as informações sobre os leilões podem ser acessadas no site do Serviço Geológico do Brasil.

**Fonte: CPRM**

**Data: 14/05/2021**



### **ALTAMIRA INVESTIRÁ US\$ 6 MI EM "EXPLORAÇÃO AGRESSIVA" DE PROJETOS DE OURO NO MT**

A Altamira Gold acumulou recursos que somam US\$ 6,1 milhões para realizar trabalhos de exploração em seus três projetos de ouro no Mato Grosso: Santa Helena, Apiacás e Cajueiro. O último reforço no caixa da empresa, de US\$ 1,1 milhão, ocorreu nos "últimos dias", com o exercício de opções de compra de ações, que já somam US\$ 2,5 milhões.

"Esses fundos adicionais nos permitem explorar agressivamente nossos três principais projetos e continuar a avançar em nossa estratégia de crescimento", declarou o presidente e diretor-executivo da mineradora, Michael Bennett.

Ao agradecer aos "acionistas de longo prazo" pelo "apoio" à empresa, Bennett comemorou o exercício das opções de compra e salientou que a empresa "espera começar um programa de sondagem de exploração significativo e bem financiado nos próximos meses".

Um dos focos dos trabalhos será o levantamento geofísico 3D por meio de polarização induzida (IP, na sigla em inglês) do solo no projeto de ouro Apiacás. O programa é centrado no alvo Mutum, além de incorporar outras áreas cobertas por programas de amostragem geoquímica de rocha e mapeamento geológico.

"A pesquisa IP tem como objetivo auxiliar na identificação da mineralização de sulfeto relacionada ao sistema de mineralização de ouro em Mutum e irá orientar a sondagem subsequente", observou a empresa.

A mineradora espera que os resultados da IP gerem alvos de sondagem a serem testados nos próximos meses. O programa cobre uma área de 6 quilômetros quadrados e deve ser concluído até o fim de junho.

O projeto Apiacas está localizado 50km a oeste do projeto de ouro Cajueiro que hospeda recursos indicados em conformidade com o NI 43-101 de 5,66Mt @ 1,02 g/t de ouro para um total de 185.000 onças e recursos inferidos de 12,66Mt @ 1,26 g/t de ouro para um total de 515.000 onças.

A Altamira ressaltou que há uma estimativa de que 1 milhão de onças de ouro coluvial foi historicamente recuperada na área de Mutum, "o que sugere a presença de um significativo depósito de rocha dura subjacente".

Em Santa Helena, a situação é semelhante à de Apiacás e a companhia fez recentemente amostragens de solo para a identificação de novos alvos e ainda pretende realizar campanha de sondagem no ativo.

O projeto mais avançado é Cajueiro, onde sondagens recentes apontaram a existência de diversas estruturas mineralizadas de alto teor. Em outubro do ano passado, a companhia informou que estava negociando um financiamento de US\$ 6 milhões para custear o desenvolvimento de uma operação a céu aberto e a construção de uma planta de processamento de 1.000 toneladas diárias na operação.

**Fonte: Notícias de Mineração Brasil**

**Data: 14/05/2021**

**BRASIL**  
**mineral**

**INOVAÇÃO**

**FROTAS MAIS ECOLÓGICAS NAS MINAS**

A Vale, BHP e Rio Tinto lançaram o "Desafio de Inovação Charge On", uma chamada global voltada a empreendedores, fornecedoras e start-ups capazes de desenvolver soluções de eletrificação de grandes caminhões, como os usados em minas. O objetivo é gerar soluções que irão permitir a substituição do diesel por baterias e, conseqüentemente, reduzir as emissões em operações, além de aumentar a segurança e a produtividade operacional.

O desafio é conduzido pela Austmine, associação de equipamentos, tecnologia e serviços de mineração da Austrália (METS, na sigla em inglês). As três mineradoras anunciaram, recentemente, que pretendem se tornar carbono neutro em 2050.

A tecnologia atual disponível no mercado não atende às mudanças esperadas pelas mineradoras, pois os sistemas de carregamento estacionários requerem um tempo considerável para carregar caminhões grandes, o que resultaria em perda de produtividade significativa. A mineração precisa de conceitos de carregamento rápido em escala de vários megawatts, capazes de fornecer cerca de 400 kWh para carregar e impulsionar um caminhão dentro do ciclo de transporte do caminhão - carga, deslocamento, despejo, retorno e fila. "A eletrificação da mina requer uma integração considerável entre o planejamento e as operações da mina. Precisamos desenvolver novas soluções de carregamento que possam ser incorporadas em nossas operações em paralelo ao desenvolvimento de caminhões a bateria, para garantir a criação de um sistema de transporte elétrico verdadeiramente sustentável em todos os aspectos: limpo, competitivo e flexível", afirma Carlos Mello, diretor de Engenharia de Ferrosos da Vale.

A CEO da Austmine, Christine Gibbs Stewart, diz que o Charge On pode mobilizar outros setores, já que cerca de 80% das associadas à METS são de fora da mineração. "São empresas ligadas às indústrias automotiva, aeroespacial, de defesa e de fabricação de baterias, entre outras. Esperamos que o desafio atraia essas empresas também", disse Gibbs Stewart. Já o presidente da BHP Minerals Austrália, Edgar Basto, acredita que o Charge On é uma oportunidade de estimular ideias inovadoras. "Algumas das quais poderiam ser aplicadas imediatamente em equipamentos diesel-elétricos existentes e ajudar a acelerar a implementação de soluções de longo prazo".

O executivo de Segurança, Técnico e de Projetos do Grupo Rio Tinto, Mark Davies, disse que é um apelo global aos inovadores para mudar a forma como os sistemas de caminhões de transporte operam no setor de mineração. "A inovação é a chave para a descarbonização e esperamos que o desafio forneça novos conceitos que possam gerar enormes benefícios de longo prazo para a nossa indústria e o meio ambiente". Segundo Davies, as parcerias e colaborações em uma ampla gama de setores podem gerar mudanças tecnológicas significativas.

As inscrições para o "Desafio de Inovação Charge On" estarão abertas a parti de 18 de maio. Os candidatos podem apresentar seus projetos durante todo o ano de 2021. Maiores informações no [www.chargeoninnovation.com](http://www.chargeoninnovation.com).

**Fonte: Brasil Mineral**

**Data: 14/05/2021**



**A LÍDER MUNDIAL EM PRODUÇÃO DE NÍOBIO CBMM FECHA PARCERIA INTERNACIONAL**

*CBMM adota tecnologia canadense para aumento de desempenho de baterias em veículos elétricos*

A parceria entre a líder global produtora de nióbio CBMM e a multinacional canadense Nano One Materials Corporation vai tornar baterias de íons de lítio mais estáveis e seguras para os carros elétricos.

A líder mundial na produção e comercialização de nióbio CBMM firmou uma grande parceira internacional no segmento de baterias com a multinacional canadense Nano One Materials Corporation. Visando a comercialização no mercado de carros elétricos, a nova parceira é para desenvolver um processo inovador que reduz o custo e aumenta o desempenho de cátodos utilizados nas baterias de íons-lítio, sendo este bem superior à tecnologia convencional.

Para conseguir a tal “façanha”, as multinacionais irão utilizar o Óxido de Nióbio neste processo, denominado “Processo de uma Única Etapa” (do inglês One-pot process).

As baterias de íons de lítio ficarão mais estáveis e seguras para os carros elétricos

De acordo com a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração a nova tecnologia traz uma significativa redução de custos nas etapas de produção de cátodos de alta energia, além de aumentar a estabilidade para ciclos prolongados de carga e descarga e, com isso, a maior durabilidade da bateria. “Com o apoio da CBMM, vamos aperfeiçoar nosso processo para a produção de materiais catódicos ricos em níquel revestidos de nióbio, o que permitirá suprir demandas como as do mercado de veículos elétricos”, afirma o diretor técnico da Nano One, Stephen Campbell.

O uso do nióbio protege o cátodo, evitando reações que podem causar uma rápida degradação nestas baterias de alto desempenho, tornando o metal um elemento chave para o avanço dos componentes em bateria de íons de lítio. “Estamos focados em elevar o protagonismo do nióbio nas baterias de íons de lítio e em promover uma relação de trabalho colaborativa e duradoura com a Nano One, que certamente trará resultados importantes para este mercado”, destaca Rogério Ribas, head de Baterias da CBMM.

CBMM fecha parceria com Senai e inaugura planta piloto de bateria de íons-lítio e de supercapacitores que usa nióbio e nanotecnologia

O desenvolvimento de tecnologias com o uso do nióbio liderado pela CBMM é resultado de robustos investimentos. Todos os anos, a empresa aporta cerca de R\$ 200 milhões em seu Programa de Tecnologia, destinados ao desenvolvimento de soluções e projetos inovadores para diversificar seu mercado de atuação. Somente neste novo projeto de baterias com a empresa canadense, serão investidos pela empresa R\$ 60 milhões.

Em abril, uma parceria entre o SENAI e a CBMM possibilitou a inauguração de uma planta piloto de bateria de íons-lítio e de supercapacitores, instalada no Instituto SENAI de Inovação em Eletroquímica, em Curitiba (PR). A ideia é fomentar o ecossistema nacional de produção de baterias e supercapacitores. A tecnologia reúne o potencial do nióbio e o uso da nanotecnologia para a aplicação em baterias de íons-lítio mais seguras, com recarga mais rápida e maior estabilidade.

E as metas das revoluções tecnológicas da CBMM não param por aí. A companhia conta com uma ampla lista de parcerias com universidades de ponta pelo mundo afora e segue atenta às oportunidades de investimentos em startups que possam incrementar as inovações com o nióbio.

**Fonte: Brasil Mining Site**

**Data: 14/05/2021**



### **IGEO E CBPM NEGOCIAM ACORDO DE COOPERAÇÃO PARA PESQUISA MINERAL NA BAHIA**

O Instituto de Geociências (Igeo) da Universidade Federal da Bahia e a Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM) negociam um acordo de cooperação para pesquisa mineral. Dentre os objetivos da parceria está a disseminação do conhecimento e a popularização da mineração no Estado.

O acordo virá atrelado a um plano de trabalho focado em tópicos que são de grande interesse da CBPM, como economia mineral, terras raras, lítio e grafeno.

Os detalhes da parceria foram discutidos durante reunião realizada nesta sexta-feira (14), com participação do presidente da CBPM, Antonio Carlos Tramm; da diretora do Igeo, Olivia Oliveira; do diretor-técnico da CBPM, Rafael Avena; do ex-diretor do Departamento de Tecnologias Estratégicas e de Produção (Detep) do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC), Aristides Pavani Filho, também representando o Igeo; e do diretor do Worldwatch Institute no Brasil (WWI), Eduardo Athayde.

Para Tramm, é imprescindível desenvolver estudos que demonstrem a importância do setor para a economia do Estado. "A pesquisa é a primeira etapa para a implantação de qualquer projeto de mineração. Com este acordo, estaremos acelerando uma das partes mais difíceis do processo, e com isso ajudando a trazer novos investimentos para a Bahia", afirma.

Dentro do acordo, o Igeo designará os professores e estudantes que serão responsáveis por conduzir as pesquisas e produzir os relatórios para a CBPM, enquanto a Companhia contribuirá com a infraestrutura necessária para o bom andamento dos projetos.

**Fonte: Notícias de Mineração Brasil**



Data: 14/05/2021



### ORE INVESTMENTS ANUNCIA SEU PRIMEIRO PROJETO: COBRE EM CARAJÁS

*Será o primeiro investimento da gestora brasileira de fundos private equity*

Em 2021 os principais analistas do mercado de mining and metals consolidaram uma posição que já vinha se formando há anos: o cobre é uma das commodities essenciais para um futuro mais sustentável que se desenha.

Com a onda de veículos elétricos, geração de energia renovável e eletrificação em geral, em abril o departamento de pesquisa em commodities do Goldman Sachs chegou a publicar um relatório com o título Copper is the new oil. Já a banca de Nova York Jefferies publicou, no final de 2020, o relatório intitulado Is There Enough Copper for the Green Wave? Isso porque com a nova matriz energética mundial baseada em energia renovável, o cobre terá a sua utilização aumentada em várias vezes, tanto na geração, distribuição e armazenamento de energia.

Segundo a Ore, o mercado financeiro brasileiro conhece muito pouco da mineração pré-operacional enquanto alternativa de investimento. Ser pioneiro demandou muito trabalho de orientação dos fundamentos do setor aos potenciais investidores pela Ore Investments.

Ainda segundo a empresa, há escassez de capital no Brasil para entrar no risco geológico do estágio inicial dos projetos de mineração e poucos possuem o capital e expertise necessários para entrarem nesse estágio com assertividade.

E foi visando aos retornos que podem vir das novas descobertas de jazidas que a Spectra Investments, gestora de São Paulo, assim como fundos americanos e Family Offices decidiram ancorar o primeiro fundo da Ore.

Apesar dos desafios trazidos com a pandemia, a empresa conseguiu desenvolver um pipeline significativo de avaliação de ativos. No primeiro ano da gestora, foram mais de 250 projetos avaliados, dos quais mais de 30 estão em due diligence e negociação, sendo que, segundo Carlos Costa, muitos outros bons ativos estão a caminho para auditoria: "Focamos especialmente em ouro, metais básicos [cobre, níquel, zinco], fosfato e minerais de bateria [lítio, cobalto, grafita], mas considerando a vocação minerária do Brasil, avaliamos oportunidades das mais variadas commodities".

Ricardo Lopes fala sobre a estruturação dos investimentos: "preferimos nos associar aos atuais donos dos ativos, estruturando o negócio de forma faseada, e assumindo o controle e gestão do projeto, tanto técnico quanto estratégico e financeiro. No fim, as duas partes podem ganhar muito".

Para fortalecer o negócio em seu primeiro ano, a gestora trouxe a bordo Eduardo Cardoso e Thiago Bonás, que se tornaram sócios em 2021. "Seguindo as premissas de partnership e skin in the game, conseguimos trazer dois grandes reforços para o time, Eduardo como CFO e o Thiago como diretor de Recursos Minerais".

Sobre o seu primeiro deal, o time selecionou um projeto promissor em estágio inicial de pesquisa mineral com bom potencial para cobre e ouro em Carajás. O investimento será faseado nos próximos 3 anos, podendo totalizar um valor superior a R\$ 30 milhões ao final do terceiro ano. Segundo a empresa, para um ativo early stage, os valores são suficientes para se chegar a um patamar maduro para o desinvestimento. O time da Ore será responsável pela gestão do ativo, tendo os atuais proprietários como sócios, inclusive com assento em conselho.

O plano agora será primeiro confirmar o potencial geológico evidenciado durante os trabalhos de due diligence que retornaram resultados significativos de cobre (4,0% em média), ouro (1,0g/t em média) e prata (18,0g/t em média) capazes de sustentar operações a céu aberto ou subterrâneas, uma vez confirmados tridimensionalmente.

**Fonte: Conexão Mineral**

**Data: 14/05/2021**



**NEXA**

### PARCERIA COM ISRAELENSES PARA INOVAÇÃO

A Nexa Resources firmou parceria internacional com companhia israelense IBI-tech para o intercâmbio de tecnologias, soluções, produtos e serviços israelenses capazes de responder aos principais desafios das operações da companhia no Brasil e no Peru. Além disso, a parceria irá conectar startups e empreendedores de Israel ao setor de mineração desses dois países.

“Israel é referência em inovação e construiu um dos polos mais importantes do mundo ao investir em tecnologia e na geração de novos negócios. Com essa aproximação, queremos identificar soluções que nos ajudem a construir a mineração do futuro, tendo como base os aspectos ESG”, afirma Tito Martins, CEO da Nexa Resources. A ideia é desenvolver ainda mais a rede global de inovação da Nexa, tendo a oportunidade de acessar o reconhecido ecossistema de inovação israelense.

Outro ponto importante da parceria é a maior visibilidade da plataforma de inovação aberta da Nexa, o Mining Lab. Desde 2016, a plataforma visa estimular o desenvolvimento de novas tecnologias para os desafios do setor de mineração em conjunto com startups de diversos outros setores. Desde o seu início, o Mining Lab recebeu mais de 1.400 inscrições de empreendedores, 47 projetos selecionados e 26 contratos assinados com os empreendedores interessados na aceleração e aplicação dos seus projetos. Atualmente, a plataforma continua a desenvolver e testar diversos projetos, como o da empresa brasileira ZEG, do grupo Capitale, dedicada à energia renovável. A ZEG criou uma solução inovadora e patenteada que transforma resíduos sólidos em vapor. A iniciativa quer reduzir o uso de combustíveis fósseis por meio de uma tecnologia que substituiu até 65% do volume de gás natural utilizado na planta de metalurgia de zinco da Nexa em Juiz de Fora (MG).

Já a parceria com a Meantrix, outra startup brasileira, desenvolve o uso de inteligência artificial em softwares capazes de avaliar grandes bases de dados para aprimorar e apoiar ainda mais os processos de tomada de decisão da companhia. Outra iniciativa em pleno funcionamento nas operações subterrâneas da Nexa é o projeto da canadense RockMass, que desenvolveu um hardware com sistema para levantamento e processamento de dados geotécnicos mais confiáveis sobre a inclinação e orientação de falhas pré-existentes em rochas.

Em 2020, a Nexa utilizou a plataforma Mining Lab para realização do Challenge COVID-19, com o objetivo de trazer tecnologias que pudessem apoiar as equipes médicas nos desafios da gestão hospitalar durante a pandemia. A startup brasileira 3Wings foi uma das selecionadas com a iniciativa ‘UTI Control’, que auxilia os hospitais na gestão e monitoramento de leitos.

**Fonte: Brasil Mineral**

**Data: 14/05/2021**



#### **ANALISTAS PREVEEM QUEDA DO PREÇO DO MINÉRIO DE FERRO NA CHINA COM AUMENTO GRADUAL DA OFERTA**

*Estoques em queda nos portos chineses ajudam a elevar a cotação do insumo, mas projeções apontam para aumento nas extrações de minério de ferro pela Vale, o que deverá aliviar os preços*

O salto das cotações do minério de ferro na China desde o último mês surpreendeu muitos analistas de mercado, que têm previsões bem mais conservadoras para os preços do insumo no fim do ano. Essas previsões não vêm sendo alteradas, o que mostra tendência de queda, por conta do aumento gradual na produção de grandes mineradoras, como a Vale. A dúvida é sobre o prazo e a intensidade da baixa.

No momento, a quantidade de minério disponível na China, principal mercado para o insumo, aponta preços em alta. Dados da Steelhome coletados pelo Bradesco BBI mostram que, na última semana, os estoques nos portos chineses caíram em 2 milhões de toneladas. Nas mineradoras chinesas, o estoque é o mais baixo dos últimos dois anos, segundo dados da Mysteel, também compilados pelo BBI.

Nos cálculos de consultorias e bancos de investimento, o desequilíbrio entre a oferta restrita e uma demanda em alta na China não deve durar por todo o ano. A analista **Gabriela Cortez**, do **Banco Inter**, diz que uma boa parte da valorização do minério desde o ano passado é fruto de restrições de produção em todo o mundo, trazidas pela **covid-19** e pela baixa da produção da Vale. "Porém, conforme a produção se eleve, se normalize, os preços tendem a cair", diz.

**Daniel Sasson**, chefe de análise de commodities do Itaú BBA, afirma que os preços médios esperados pela casa para este ano e para 2022 deixam clara a expectativa de uma baixa nos preços. Em 2021, o Itaú BBA projeta minério a um preço médio de US\$ 155 a tonelada, e para 2022, de US\$ 120 a tonelada. "Dado que o preço médio do fim do primeiro semestre vai ficar acima de US\$ 170, nossa estimativa implica em queda relevante no segundo semestre."

Nos dois casos, a expectativa é de que a produção de aço da China se normalize, reduzindo a demanda por minério. De outro lado, espera-se que a Vale aumente a quantidade de insumo que extrai de suas minas. Essa combinação reduziria naturalmente os preços da **commodity**. No entanto, a projeção vem sendo feita desde o ano passado, e a expectativa foi contrariada até aqui pela resiliência da economia chinesa e pelas tensões entre o país e a **Austrália**.

Neste ano, a Vale espera produzir de 315 milhões a 335 milhões de toneladas de minério - no ano passado, produziu 300 milhões. A mineradora também espera agregar mais 23 milhões de toneladas à sua capacidade

produtiva, que desde a tragédia de **Brumadinho (MG)**, em janeiro de 2019, foi significativamente reduzida. No fim do ano que vem, viriam mais 50 milhões de toneladas, o que faria com que a mineradora brasileira pudesse produzir 400 milhões de toneladas.

Reposição, e não expansão

Apesar da perspectiva de maior oferta, é consenso entre analistas que os investimentos das grandes mineradoras globais servem para repor capacidade após o esgotamento de alguns projetos, e não para aumentar a produção de forma definitiva. Isso torna os desembolsos consideravelmente menores do que em meados da década passada, marcada por pesados aportes no setor em nível global. No **Brasil**, o maior exemplo é o megaprojeto **S11D**, construído pela Vale no **Pará**, e que custou US\$ 14,3 bilhões.

"Temos épocas de alta e de baixa. Na década passada, após uma época de minério em quase US\$ 197 a tonelada, a cotação foi caindo até chegar a US\$ 42 em 2015", diz **Roberto Galery**, chefe do **Departamento de Engenharia de Minas (Demin)** da **Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**. "As grandes mineradoras do Brasil fizeram novos projetos com um custo de capital altíssimo. Montaram as indústrias para um preço de US\$ 197, e tiveram de pagar com o minério a US\$ 42", diz.

Em relatório assinado com os analistas **Ricardo Monegaglia** e **Edgard Pinto de Souza, Sasson**, do Itaú BBA, calculou que em 2012, os investimentos de Vale, **Fortescue**, **Rio Tinto** e **BHP** chegaram a US\$ 60 bilhões, maior número do último ciclo de expansão. Em 2020, caíram para US\$ 20 bilhões.

"Olhando para os projetos em andamento nas operações de minério de ferro das quatro, a maior parte dos projetos da Austrália tenta repor esgotamento de reservas", escreveram. "Ao mesmo tempo, a Vale está em vias de reiniciar produções fechadas ou restritas desde o rompimento da barragem de Brumadinho."

Os preços atuais de minério atrairão novos investimentos, mas eles devem vir de mineradoras menores, que têm projetos de construção mais rápidos. "No Brasil tem muitas pequenas minerações, que estão entrando no mercado", diz Galery, da UFMG. Segundo ele, elas não exportam, mas vendem minério para as maiores, como a Vale e a **CSN Mineração**, complementando suas produções.

Fonte: Estadão

Data: 14/05/2021

## Investing.com

### MINÉRIO DE FERRO DESPENCA NA CHINA COM ALERTA SOBRE IRREGULARIDADES EM POLO DE AÇO

Os contratos futuros do minério de ferro ampliaram as perdas de forma acentuada nesta sexta-feira, com os preços do aço despencando após a importante cidade produtora, Tangshan, alertar as usinas para manterem a ordem do mercado.

O governo local disse que investigaria comportamentos ilegais e suspenderia os negócios em usinas que teriam manipulado os preços de mercado, espalhando rumores ou armazenando produtos para fazer negócios favoráveis, já que o crescimento dos preços do aço ultrapassou o aumento dos custos.

O vergalhão de aço mais negociado na Bolsa de Futuros de Xangai, para entrega em outubro, fechou em queda de 6%, a 5.641 iuanes (876,61 dólares) por tonelada.

As bobinas laminadas a quente, usadas no setor de manufatura, caíram 6%, para 6.135 iuanes a tonelada, mas ainda registraram um ganho semanal de 2,3%.

Os futuros de minério de ferro de referência na bolsa de Dalian, para entrega em setembro, caíram 7,5%, para 1.173 iuanes por tonelada. O contrato caiu 4,4% nesta semana.

Os preços spot do minério com 62% de teor de ferro para entrega à China, compilados pela consultoria SteelHome, caíram mais 12 dólares, para 208,50 dólares a tonelada nesta sexta-feira.

Esse indicador do minério caiu cerca de 10% desde o pico histórico de 232,5 dólares registrado nesta semana, mas ainda acumula ganhos de aproximadamente 30% no ano.

Os futuros de carvão metalúrgico de Dalian caíram 5% nesta sexta-feira, para 1.922 iuanes por tonelada.

Fonte: Investing.com

Data: 14/05/2021



### PILAR GOLD COMPRA PROJETOS DE OURO DA VALTERRA NO MATO GROSSO POR US\$ 2,4 MI

O Conselho de Administração da Valterra aprovou a venda de seus ativos no Brasil para a Pilar Gold por US\$ 2,4 milhões. Além do valor a ser pago em ações, a companhia canadense recém-criada também assumirá dívidas da Poconé Mining Mineração (PMM), subsidiária brasileira da Valterra.



A PMM é proprietária do projeto de ouro Lima e possui um contrato vinculante para aquisição da totalidade do projeto de ouro Livramento, ambos no Mato Grosso. A Valterra, empresa do Manex Resource Group, adquiriu a Poconé Mining Mineração em meados do ano passado, inclusive com uma série de emissões de ações para custear os investimentos nas propriedades.

Com a transação anunciada na quarta-feira (12), a Valterra agora passará a ser acionista da Pilar Gold, que assumirá 100% dos ativos no Brasil - em operação ainda sujeita à aprovação das autoridades regulatórias do Canadá.

Pelos termos do acordo, a Pilar emitirá para a Valterra 4 milhões de ações ordinárias a um preço unitário de C\$ 0,60, equivalentes a R\$ 2,62. O valor, segundo as empresas, está "sujeito a ajuste contingente do preço de emissão do IPO proposto pela Pilar Gold", que tem capital fechado, mas pretende ser listada em bolsa ainda este ano.

Além das ações, a Pilar também assumirá os pagamentos restantes da PMM para aquisição do projeto Livramento, de R\$ 15 milhões.

Simultaneamente, a Valterra emitirá 8 milhões de ações ordinárias e volume igual de opções de compra para os acionistas da PMM para concluir a aquisição da empresa brasileira.

A Pilar assume ainda a liquidação dos US\$ 180 mil em aberto relativos à "compensação de contratos de consultoria" entre Valterra e os acionistas da PMM.

"A aquisição da PMM é uma vitória para os acionistas da Valterra e da Pilar Gold e uma parte importante da estratégia de acumulação da empresa para se tornar uma produtora de ouro de rápido crescimento no Brasil", salientou o diretor-executivo da Pilar, Jeremy Gray.

"A PMM será a base das operações da Pilar Gold no prolífico cinturão de ouro de Poconé, no Mato Grosso. Com décadas de experiência prática na região, a equipe de gerenciamento de Pilar Gold pretende transformar a PMM em um produtor de ouro regional de sucesso", acrescentou a empresa em nota.

Já o presidente e diretor-executivo da Valterra, Lawrence Page, comemorou o negócio e disse que a transação é uma forma de "manter a presença no Brasil e fornecer aos acionistas da empresa a oportunidade de se beneficiar do fato de a Valterra possuir um investimento de capital significativo na Pilar Gold".

Segundo ele, a Pilar Gold "está na melhor posição para criar mais valor a partir dos projetos Livramento e Lima, devido à sua posição no Brasil como uma mineradora estabelecida com um histórico de produção de sucesso na mina de ouro Pilar".

A operação de ouro em Goiás foi adquirida pela Pilar Gold da Equinox no mês passado por US\$ 38 milhões. A mina produz atualmente cerca de 35.000 onças anuais do metal amarelo. Com a transação, a Equinox passou a deter 9,9% de participação no capital da Pilar Gold, além de manter royalties sobre a produção da mina.

**Fonte: Notícias de Mineração Brasil**

**Data: 13/05/2021**



### **SENAI CIMATEC E MINERADORA ANUNCIAM PARCERIA PARA EXPLORAÇÃO DE TERRAS RARAS NA BAHIA**

*Empreitada pretende também promover a produção técnico-científica de artigos*

O Senai Cimatec e a mineradora Tabuleiro firmaram parceria para desenvolver o projeto Terras Raras, iniciativa inédita que envolve tecnologia e inovação para tornar possível a exploração de minerais de terras raras na Bahia, antes inviável.

O projeto estratégico tem o objetivo de estudar e desenvolver um novo conceito de extração de terras raras economicamente viável e sustentável no que diz respeito ao meio ambiente. Além disso, a empreitada pretende também promover a produção técnico-científica de artigos com expressivo fator de impacto no campo acadêmico.

As terras raras são matérias-primas na produção de superimãs, eletrônicos, equipamentos para defesa, indústria aeroespacial, energia, dentre outros segmentos. Recebem esse nome por serem de difícil extração, uma vez que os desafios de remoção e processamento não são pequenos, principalmente, por causa da disponibilidade limitada de conhecimentos técnicos para a separação dos minerais-minério contendo terras raras.

Segundo dados da United State Geological Service (2015), as reservas brasileiras de terras raras podem chegar a 3,5 bilhões de toneladas. Embora se posicione como o maior detentor de reservas de terras raras no mundo, o Brasil ainda possui uma produção baixa.

A China desponta como maior concorrente do setor com 95% da produção mundial e dona de 37% das reservas conhecidas. O país possui esse domínio porque, desde 1970, adotou a pesquisa e o desenvolvimento para extração e beneficiamento de terras raras como política de estado e segurança nacional. O mercado mundial dos óxidos de terras raras é da ordem de US\$ 5 bilhões ao ano.

A Mineradora Tabuleiro é uma startup focada na pesquisa e viabilização extrativa de minerais críticos e especiais no estado da Bahia, com mais de 20 mil hectares de área por todo o estado. Os minerais em destaque nas pesquisas da empresa são o grafite, terras raras, barita, quartzo industrial, quartzo rutilado (gema), entre outros.

Com financiamento da EMBRAPPII, o Senai Cimatec será responsável pelo desenvolvimento do projeto, por meio da estrutura técnico-laboratorial da instituição. As experiências bem-sucedidas do Senai Cimatec voltadas para indústria e mineração, algumas premiadas, como Petrobras e Nexa Mineração (ex-Votorantim), foram consideradas como essenciais para essa parceria com a Mineradora Tabuleiro.

“A parceria com a Mineradora Tabuleiro, por meio do projeto Terras Raras, é estratégica para o Cimactec, pois nos posiciona na fronteira tecnológica desse setor, no cenário brasileiro e da América Latina. Além disso, o fato dessa parceria ser com uma empresa baiana é também de extrema relevância, pois está vinculada a nossa missão de apoiar o desenvolvimento da indústria local”, afirma André Oliveira, gerente executivo de Negócios do Senai Cimatec.

Os diretores da Mineradora Tabuleiro, Gabriel Keller, Sandro Santos e Janaina Marques, investem na sustentabilidade e redução de impactos ambientais e já projetam a continuidade dos estudos visando o aproveitamento de rejeitos e exploração a seco para outras substâncias a partir de jazidas exclusivas na Bahia. "Caminhamos sempre de mãos dadas com a ciência de forma responsável, transparente e ética", afirma Janaina Marques.

**Fonte: Correio Bahia\***

**Data: 13/05/2021**



### **IRÍDIO VALE TRÊS VEZES MAIS QUE OURO E TEM ALTA DE 131% EM 2021**

O irídio, metal raro que é subproduto da mineração de platina e paládio, teve uma valorização de 131% em 2021, valendo três vezes mais do que o ouro. Segundo o site Metals Daily, nesta quinta-feira (13) o produto registrava valor de US\$ 6.400 a onça.

Segundo informações da Heraeus Precious Metals, uma das maiores refinarias de metais do grupo da platina do mundo, a tendência de alta do irídio se acelerou devido à interrupção na produção em 2020 após o fechamento, por vários meses, de uma planta de processamento na África do Sul, país que produz entre 80% a 85% do irídio do mundo. Além disso, houve uma crescente demanda pelo metal, principalmente para fabricação de telas eletrônicas.

Essa maior escassez, nos últimos tempos, promoveu a supervalorização. Cerca de 250 mil onças do metal são produzidas a cada ano, em comparação com cerca de 10 milhões de onças de paládio e 8 milhões de onças de platina, de acordo com a agência de notícias Reuters. No Brasil, não existe registro na Agência Nacional de Mineração (ANM) que contabiliza a produção do metal.

Em termos de demanda, em 2020, 31% do metal foram consumidos pelo setor elétrico, 26% pelo setor eletroquímico, 13% pelo setor automotivo e o restante por diversos outros setores. Conforme a Heraeus, a demanda por irídio deve ser impulsionada pelo desenvolvimento do mercado de smartphones 5G e outros produtos que usam luzes de Led.

O irídio é um metal raro, tão resistente à corrosão e às altas temperaturas que se tornou um material quase essencial na fabricação de motores de aeronaves, catalisadores de automóveis ou tubos de águas profundas. Seu uso também se estende a velas de ignição, dispositivos médicos, eletrônicos e até em relógios e bússolas.

Com uma tonalidade branco-prateada e uma ligeira coloração amarela, é considerado um metal extraterrestre porque é abundante em meteoritos e é muito raro na crosta terrestre. Descoberto em 1803 entre as impurezas insolúveis da platina natural, o irídio é um elemento tão raro na Terra que é comercializado em pequenas quantidades.

**Fonte: Notícias de Mineração Brasil**

**Data: 13/05/2021**



EXTRAÇÃO MINERAL

NOVA TÉCNICA ECOLOGICAMENTE CORRETA

Pesquisadores da University of Western Australia (UWA), da agência científica nacional da Austrália CSIRO, da Technical University of Denmark e da University of Exeter desenvolveram uma nova técnica de mineração que usa campos elétricos para extrair metais do minério de rocha dura.

A técnica pode substituir o método tradicional de escavação, que resulta em custos significativos para o meio ambiente. Os métodos de escavação são usados atualmente em 99% da atividade de mineração, muitas vezes resultando em significativa degradação ambiental e enormes quantidades de resíduos sólidos. As estimativas globais de resíduos são da ordem de 100 gigatoneladas anuais, significativamente maiores do que qualquer outra forma de resíduos gerados por humanos.

A nova técnica foi publicada em Science Advances e agora está sendo desenvolvida e refinada com o apoio do Minerals Research Institute of Western Australia. O professor Henning Prommer, da Escola de Ciências da Terra da UWA e CSIRO, disse que a técnica funcionou instalando eletrodos dentro do corpo de minério e aplicando correntes elétricas que poderiam induzir o transporte de metais eletricamente carregados, como cobre, através de rochas por um processo chamado eletromigração. "Os metais são extraídos dentro do corpo de minério, em vez dos meios tradicionais de extraí-los e moer grandes quantidades de material, uma técnica que tradicionalmente exerce grande pressão sobre o meio ambiente", disse o professor Prommer.

Segundo ele, os métodos tradicionais de escavação de minério resultam em uma grande quantidade de resíduos sólidos trazidos para a superfície da Terra que precisam ser descartados, enquanto este novo método diminui drasticamente o desperdício.

O professor Andy Fourie, da Escola de Engenharia da UWA, disse que a nova técnica oferece possibilidades imensas. "Isso não apenas melhorará os resultados da mineração, mas nos ajudará a mudar para uma forma mais sustentável de minerar", disse o professor Fourie. Os pesquisadores testaram a técnica em experimentos de laboratório e por meio de modelagem computacional. Após a extração com sucesso de cobre de algumas amostras de rocha muito apertadas, os pesquisadores estão confiantes de que a ideia também funcionará no campo, não apenas para o cobre, mas também para uma ampla gama de outros metais. "Isso é realmente emocionante porque podemos usar fontes de energia intermitentes, como a solar e a eólica, para extrair minerais", disse o professor Prommer.

**Fonte: Brasil Mineral**

**Data: 12/05/2021**



#### IBRAM AVALIA QUE HÁ ESPAÇO PARA MAIS INVESTIMENTOS NA MINERAÇÃO DO BRASIL

Empresas italianas têm oportunidades claras de investimento na #MineraçãodoBrasil. E isso vale para diversos segmentos, entre os quais, o de rochas ornamentais e de cerâmica. "E não apenas na operação industrial, mas também no fornecimento de máquinas, equipamentos e tecnologia". Foi o que declarou Alexandre Mello, diretor de Relações com Associados e Municípios do Instituto Brasileiro de Mineração (#IBRAM) na manhã desta 3ª feira (11/5).

Ele representou o IBRAM no evento online Business Fórum Itália-Minas Gerais. O fórum foi promovido por iniciativa do Ministério italiano das Relações Exteriores e da Cooperação Internacional e do Governo de Minas Gerais.

"A mineração é uma atividade característica do Brasil e, em especial, do estado de Minas Gerais, então, o IBRAM acredita que há muito espaço para os empresários italianos avaliarem novos investimentos no setor", disse no workshop setorial: "Manufatura, automação e indústria 4.0".

Ele falou à audiência que a mineração brasileira vai receber aportes de US\$ 38 bilhões no período 2021-2025. Desse total, R\$ 13 bilhões serão direcionados à mineração em Minas Gerais. O destino são projetos em 28 municípios. Mello afirmou que "há importantes perspectivas de aumento de produção, de faturamento, bem como de gerar contribuições à sociedade, a exemplo do recolhimento de royalties e de tributos".

#### Mineração brasileira em transformação

Alexandre Mello fez questão de pontuar ao público – entre os quais muitos italianos – que o setor mineral brasileiro passa por um momento de verdadeira transformação. O objetivo é aperfeiçoar seus indicadores de sustentabilidade e de segurança operacional de modo contínuo. "Os aspectos socioambientais e de gestão estão na linha de frente das ações do setor. As ações nesse sentido estão publicadas na Carta Compromisso Perante a Sociedade, apresentada pelo IBRAM em setembro de 2019 e elas vêm evoluindo desde então", afirmou.

O dirigente também afirmou que o setor mineral é considerado um dos mais seguros para se trabalhar, mesmo com a pandemia do novo coronavírus. Isso porque as mineradoras estão entre as que mais testam seus empregados, monitoram o ambiente de trabalho e tomam medidas efetivas contra a contaminação.

Alexandre Mello citou os números mais atuais sobre o desempenho da mineração, que estão expostos no site do IBRAM, como o aumento de 15% na produção mineral em toneladas no 1º trimestre de 2021 na comparação

com igual período de 2020. A mineração, segundo ele, passa por um ciclo positivo no Brasil e os investidores estrangeiros e brasileiros devem olhar com atenção as oportunidades que estão surgindo no setor.

O dirigente também mencionou o projeto de reconversão produtiva que é conduzido pelo IBRAM e outras organizações - além do governo de Minas Gerais. Este projeto pretende estimular o desenvolvimento de outras atividades produtivas que possam substituir a mineração como fonte de receitas nos territórios minerados. Leia mais sobre este projeto clicando [aqui](#).

**Fonte: IBRAM**

**Data: 12/05/2021**



#### **ANALYSTS NOT CONVINCED THE IRON ORE PRICE RUN HAS LEGS**

The iron ore price surged to a record \$237.57 per tonne Wednesday as strong Chinese demand continued to outpace supply, but analysts are not entirely convinced the price run has legs.

The record price levels are supported by a continued supply squeeze, with major iron ore producers reporting seasonally lower output in the March quarter, and growing concern over the escalating covid-19 crisis in India, which could impact the country's exports of the metal.

"These factors, along with a recovery in ex-China demand, is expected to drive the global seaborne trade balance into a deeper deficit in 2021, with annual prices forecast to average \$153 per tonne," Ronnie Cecil, principal analyst for metals and mining research at S&P Global Market Intelligence, tells *The Northern Miner*, although he notes a seasonal rise in Brazilian exports are likely to lower prices in the second half of the year.

CRU Group principal analyst Erik Hedborg attributes the record price run in part to recent production cuts in the city of Tangshan in China's northeastern Hebei province, which he says have boosted demand for higher quality ore. It has also prompted mills to build iron ore inventories as their margins are on the rise.

"Iron ore producers are enjoying exceptionally high margins as well; around two-thirds of seaborne supply only require prices of \$50 per dry metric tonne to break even," Hedborg said in a May 6 research note.

#### **Price spike**

So bullish is Raymond James analyst Brian MacArthur, that he has increased the brokerage's 2021 calendar price for premium iron ore with an iron content of 65% and higher to \$148 per tonne from \$138 per tonne previously.

"Premium iron ore prices remain strong and averaged about \$210 per tonne in April. In our view, the recent prices reflect ongoing strong demand supported by commitments to reduce emissions from steelmaking," MacArthur said in a research note on May 7.

First-quarter production reported by major producers that were in-line or lower-than-expected highlight the supply challenges the industry is facing to meet demand. With a possible global economic recovery and a positive outlook for domestic growth in China, the near-term outlook for global steel production appears positive.

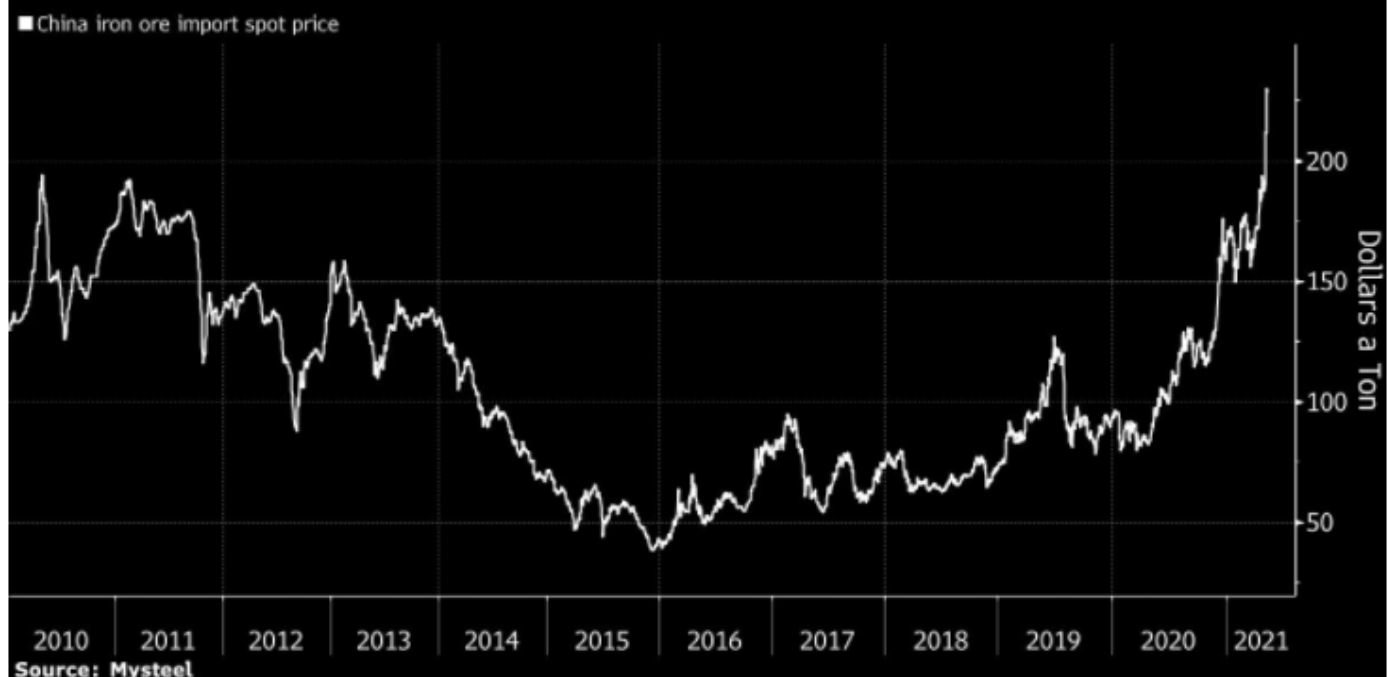
"While iron ore supply is expected to increase over the remainder of 2021, we believe that increase should be generally absorbed by the strong demand, and hence, we have increased our 2021 calendar Fe 65 price forecast," MacArthur wrote.

In BMO's latest Steel Monitor, analyst David Gagliano notes that spot prices for U.S. hot-rolled coil steel have climbed to yet another all-time high, reaching about \$1.50 per short ton on May 10, a 5% increase over the past two weeks.

Although the current supply squeeze is expected to ease with increasing domestic production in the U.S. and higher imports, the bank maintains its view that prices are likely to remain well above historical averages for the remainder of 2021 and 2022. This is a result of continued strong end-market demand and a staggered timeline for upcoming greenfield capacity additions, BMO says.

## Iron Spike

The steelmaking material has rocketed to all-time highs above \$200



Iron has rocketed to all-time highs above \$200

“Our base case, which sees prices moderate in the second half of 2021, is becoming increasingly conservative, given most domestic U.S. capacity is now restarted or running all-out, import growth remains limited, finished steel inventories remain low, lead times remain extended, and global raw materials and finished steel prices continue to move higher,” Gagliano writes.

### Unsustainable prices

Gagliano’s colleague Colin Hamilton, a commodity analyst at BMO, argues in a research note that while steel demand is still robust and underpinning the recent record price runs for iron ore, the bank sees the price jump fuelled by a concern by mills in China that bank funding for Australian iron ore may be harder to come by in the months ahead, given the current geopolitical tension between the countries.

“With Bloomberg reporting that China has asked LNG purchasers to stop buying new Australian cargoes, this will further stoke fears of restrictions,” Hamilton commented in a May 10 research note. “However, given the importance of this trade flow to both countries, we do not think an iron ore ban is likely or practical.”

Moody’s Investors Service says the lofty iron ore prices will likely recede but remain strong amid persistent supply constraints.

“High iron ore prices in early 2021 are unsustainable, but market fundamentals remain strong for 2021 based on supply constraints and a lack of major expansion projects in store for the coming years,” Moody’s senior VP Barbara Mattos says in an interview. “Rising steel demand will sustain iron ore prices at or above the higher end of our \$70-\$100 per tonne price sensitivity.”

In particular, capacity constraints will keep Vale’s (NYSE: VALE) 2021 iron ore production to 315 million-330 million tonnes, more than its annual 300 million tonnes in both 2019 and 2020, but far less than its 380 million tonnes in 2018, according to Mattos.

Meanwhile, most iron ore producers are directing investments toward maintaining current production volumes. BHP (NYSE: BHP; LSE: BHP; ASX: BHP), Rio Tinto (NYSE: RIO; LSE: RIO; ASX: RIO), Vale and Fortescue Metals Group (ASX: FMG) together control more than 70% of the global seaborne iron ore market, and all are focused on supply discipline, increasing environmental, social and governance risks and requirements for new projects.

Mattos says she expects high prices will continue to support strong cash flow for the primary producers, at least for the time being, with some of them posting all-time high free cash flow and earnings before interest, taxes, depreciation and amortization (EBITDA).

### Scrap comeback

Last year, iron ore prices rallied to nearly \$180 per tonne, reflecting 5.2% year-on-year growth in Chinese steel production in addition to supply disruptions, particularly for Vale, and lower inventories at points throughout the year. But once production capacity recovers sometime in 2022 and scrap becomes more readily available, Mattos expects iron ore prices to decline toward marginal production costs of \$60-\$70 per tonne.



The World Steel Association expects global steel demand to grow by 4.1% this year — rising by 2.5% in Asia, 11% in the EU and 6.7% in North America. China will remain the key driver for iron ore demand. Over time, however, a structural shift toward electric arc furnace steel production and away from emissions-generating blast furnaces would cut iron ore demand growth or shift demand toward higher-quality ore for Chinese consumption.

The analysts point out that steelmakers are increasingly looking to secure premium-grade iron ore as they battle to reduce carbon emissions, especially in China. The steelmaking industry accounts by far for the most carbon emissions of any other industry.

**Fonte: Mining.com**

**Data: 12/05/2021**



**VALE**

### **OITO MEMBROS INDEPENDENTES NO CONSELHO**

O Conselho de Administração da Vale elegeu oito membros independentes - um a mais do que o previsto em estatuto – para o mandato do biênio 2021/2023. A escolha dos acionistas é um marco fundamental no processo de reestruturação societária iniciado em 2017 e que tornou a Vale uma corporação sem controle definido, com base de acionistas diversificada.

Os membros independentes eleitos são José Luciano Duarte Penido (eleito presidente do Conselho), Ollie Oliveira, Marcelo Gasparino, Mauro Cunha, Murilo Passos, Rachel Maia, Roberto Castello Branco e Roger Downey. Os membros não-independentes são Fernando Buso (eleito vice-presidente do Conselho), José Maurício Coelho, Eduardo Rodrigues Filho e Ken Yasuhara.

Antes dessa eleição, a Vale tinha apenas três membros independentes em seu Conselho. O 13º integrante do Conselho é Lúcio Azevedo, eleito pelos empregados. "Com as escolhas feitas pelos acionistas, o Conselho da Vale se torna mais representativo da nossa diversidade acionária, com quatro membros eleitos indicados diretamente por investidores", disse José Luciano Duarte Penido, presidente eleito do colegiado. "Esse novo Conselho seguirá firme na tarefa de construir uma Vale melhor: uma empresa mais segura e confiável, comprometida com a reparação integral de Brumadinho, aberta ao diálogo com a sociedade e que cria valor para os acionistas".

O novo Conselho terá a missão de liderar a Vale em um processo de transformação acelerado após o rompimento da barragem de Brumadinho, em 2019. Desde então, a mineradora tem feito mudanças profundas na sua governança, principalmente na gestão de riscos. A Vale iniciou um plano para fechar 63 lacunas ESG - das quais 39 já foram encerradas -; assumiu metas concretas para 2030, como a de reduzir suas emissões de carbono de escopo 1 e 2 em 33%; fechou o Acordo Global de Brumadinho; e reformulou seu estatuto para aumentar a representatividade dos acionistas minoritários e a independência da gestão.

Outra novidade é a criação do Comitê de Nomeação, responsável pela indicação de oito dos conselheiros eleitos - quatro indicados diretamente pelos acionistas. Integrado por três membros (dos quais dois sem vínculo com a Vale), o Comitê realizou um trabalho de oito meses que incluiu a criação de uma matriz de competências necessárias para a função de conselheiro, além de pesquisas de mercado com empresas brasileiras que são referência em governança e com as principais mineradoras do mundo.

Esta é a primeira vez que um presidente e vice-presidente do Conselho são escolhidos pelos próprios acionistas, conforme passou a estabelecer o estatuto da Vale este ano. Até então eles eram eleitos entre os membros do próprio Conselho. O novo presidente do colegiado, José Luciano Duarte Penido, tem 27 anos de experiência na governança de empresas, das quais 17 como CEO e dez como presidente de Conselhos de Administração nos ramos de mineração e celulose. Ele é membro do Conselho da Vale desde maio de 2019 e teve atuação relevante na gestão das crises vividas pela empresa.

**Fonte: Brasil Mineral**

**Data: 12/05/2021**



### **IPO DA CSN MINERAÇÃO SAI A R\$8,50 E MOVIMENTA R\$5,2 BILHÕES**

A oferta inicial de ações (IPO) da CSN Mineração foi precificada a 8,50 reais cada, movimentando 5,2 bilhões de reais, segundo informações publicadas na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) nesta sexta-feira, confirmando reportagem publicada mais cedo pela Reuters.

O preço saiu no piso da faixa indicativa dos coordenadores da oferta, que ia até 11,35 reais.

Com a venda de 1,37 bilhão de reais em ações novas, a companhia pretende investir em projetos como Itabirito P15 e de recuperação de rejeitos de barragem Pires e Casa de Pedra, a principal mina da empresa, localizada em Congonhas (MG).

Além disso, a siderúrgica CSN, a Japão Brasil e a sul-coreana Posco levantaram o equivalente a 3,85 bilhões de reais com a venda de participações no negócio.

Antes da oferta, a CSN tinha 87,5% da CSN Mineração e, pelos cálculos da companhia, após a operação, sem considerar os lotes adicionais de papéis, reduziria essa fatia para 79,1%.

A ação deve estrear na Bovespa na próxima quinta-feira (18).

**Fonte: CNN Brasil**

**Data: 12/05/2021**



### **FLUXO DE DENÚNCIAS: CIDADÃO TERÁ SUA QUEIXA RESPONDIDA PELA ANM EM ATÉ 30 DIAS**

*Manifestante tem a opção de fazer denúncia anônima ou ter a identidade preservada*

As denúncias feitas na ANM têm um trajeto a ser percorrido e sempre terão uma resposta. A Agência publicou seu Fluxo de Denúncias, onde qualquer cidadão, se identificando ou não, pode fazer a comunicação de irregularidades na ANM, via sistema, por correspondência ou verbalmente.

O Fluxo de Denúncia atende qualquer denúncia de prática negligente ou abusiva de cargos, empregos e funções, prática de ato ilícito ou corrupção, onde a solução dependa da atuação do órgão de controle interno ou externo.

O manifestante tem a opção de ter a identidade preservada ou fazer a denúncia anônima, mas caso se identifique, recebe o parecer conclusivo em até 30 dias, prorrogáveis por igual período, em linguagem simples e cidadã. Ele também pode recorrer e avaliar a resposta e o atendimento recebidos.

“A sociedade agora vai ter ciência que ela pode denunciar qualquer ilegalidade que ela observar na ANM, especialmente dos servidores públicos, e saber que uma vez que a denúncia existe, a resposta virá obrigatoriamente. O fluxo traz transparência daquilo que foi denunciado”, explica a superintendente de Desenvolvimento Institucional da ANM, Clarissa Rocha.

Veja como funciona o Fluxo de Denúncia [aqui](#).

**Fonte: ANM**

**Data: 11/05/2021**



### **SEAFLOOR MINING FEVER DRIVES \$2.9 BILLION MERGER**

Littering the abyssal plain of the Pacific Ocean are an estimated 21 billion tonnes worth of polymetallic nodules containing high grades of manganese, nickel, copper and cobalt – the battery metals that Tesla (Nasdaq: TSLA) has warned may soon be in short supply.

They sit on top of the sea floor just waiting to be hoovered up, and several companies, including one from Vancouver, DeepGreen Metals, is in the race to begin harvesting them.

Getting the 50% reduction in greenhouse gas emissions by 2030 that US President Joe Biden has committed to will require a massive shift to renewable energy and electric cars.

For electric car batteries alone, a fivefold-to-sixfold increase in copper, nickel and cobalt may be needed by 2025, according to a recent report by Aperio Intelligence.

The World Bank estimates a 1,000% increase in battery metals will be needed by 2050, and cites research in Nature warning that “the world cannot tackle climate change without adequate supply of raw materials to manufacture clean technologies.”

Given that it can take 10 to 20 years to get a new mine permitted and in production, the world appears headed for a “peak metals” crunch, which may explain the sudden minerals rush in the Pacific Ocean.

A new international deep ocean mining code, delayed by the pandemic, is now expected to be in place by 2023, and several companies that have been in the exploration stage, including heavyweights like Lockheed Martin (NYSE:LMT), are now hoping to start commercial harvesting as early as 2024.

One of these companies is Vancouver’s DeepGreen Metals, which is merging with Sustainable Opportunities Acquisition Corp. (NYSE:SOAC), a special-purpose acquisitions company, in a deal valued at \$2.9 billion. The new company will be called The Metals Co.

“The scale of the green transition is monumental, and the timeline is daunting,” Gerard Barron, the Australian CEO of DeepGreen, said in a news release. “We believe that polymetallic nodules are an important part of the solution. They contain high concentrations of nickel, cobalt and manganese – they’re effectively an EV battery in a rock.”

DeepGreen shareholders include Vancouver mining and entertainment mogul Frank Giustra and Brian Paes-Braga, founder of Lithium-X, which he sold for \$265 million in 2018.

“He [Giustra] and I have been involved about four years in the company,” Paes-Braga, who sits on DeepGreen’s board of directors, told BIV News.

Paes-Braga said he realized that, though lithium is important for EV batteries, it’s a small market compared to other battery metals.

“The real big play was the nickel market and the copper market,” Paes-Braga said. “So when we saw DeepGreen, we just felt that, at some point, if this electric vehicle trend is happening, this is going to be a very valuable company, a very valuable resource.”

The organization responsible for regulating deep sea mining, International Seabed Authority (ISA), was created by the United Nations Convention on the Law of the Sea, which was signed 167 countries – the United States being the one notable holdout.

The ISA estimates there are 21 billion of tonnes of polymetallic nodules resting on the ocean floor in a region called the Clarion Clipperton Zone between Hawaii and Mexico, containing an estimated six billion tonnes of manganese, 234 million tonnes of copper, 270 million tonnes of nickel and 46 million tonnes of cobalt.

To put that in perspective, annual global nickel production in 2019 was 2.7 million tonnes, according to Statista.

There are 18 countries, companies or consortia with exploration licences for polymetallic nodules in the Clarion Clipperton Zone. DeepGreen holds exploration and commercial rights in the zone through its subsidiaries, royalty agreements with three Pacific Island Nations and industrial partners that include Maersk and the Allseas Group S.A., which are shareholders. Allseas, a Swiss company, is building the harvesting machine that will be used.

The prospect of dragging mining equipment across the ocean floor has understandably caused some alarm among marine scientists and environmentalists. Greenpeace has been ramping up a campaign against ocean mining. The Deep Sea Conservation Coalition warns that not enough is known about the impacts on deep sea mining on marine life, and has called for a moratorium.

But DeepGreen says ocean mining would have far fewer environmental impacts than terrestrial mining. It requires no deforestation, road-building or tailings ponds and has a considerably lower carbon footprint. Moreover, the area where the mining would take place is not abundant in sea life.

“These are like deserts under the ocean,” Paes-Braga said. “There’s not a lot living down there. From an environmental or ecological perspective, we’re not naive to say there’s not going to be some sort of impact – of course there will be.

“It’s a trade-off. Like anything in life, we’ve got to consider trade-offs. I think it comes down to educating people. If we do a good job of educating people, I think it’s going to be a great outcome for our stakeholders and for the world.”

Harvesters, which would operate like big underwater vacuum cleaners, would operate at a depth of about four kilometres. They would be connected by a pipe to a surface vessel, where the nodules would be pumped. Once the ship is full, it would take the nodules to port and they would be processed on land. DeepGreen is aiming to begin deep sea mining in 2024.

Conventional resource investors may balk at investing in a new and untested approach to mineral extraction. Mickey Fulp, publisher of the Mercenary Geologist, does not doubt that there is an abundance of metals in the abyssal plain and does not buy the environmental arguments against it. But he’s skeptical that seabed mining can be economically feasible.

“I think it’s a great idea. I just don’t think it’s practical,” he said. “There are too many impediments to getting it done. Greenpeace is onto it and is protesting, as we speak, against it.”

Once the DeepGreen-SOAC merger is finalized and an ongoing environmental impact assessment is completed, the company plans to start with a kind of bulk sampling at one million tonnes annually.

“Once we are able to achieve that, the unlocking of the value to the company is going to be the real inflection point,” Paes-Braga said, “because we’re going to be able to prove that it works, that it’s economic, and that we’re going to become a major supplier to the metal industry.”

**Fonte: Mining.com**

**Data: 11/05/2021**



## NOTA SOBRE A 2ª RODADA DE DISPONIBILIDADE DE ÁREAS

*Processo segue em andamento e terá novo cronograma*

A ANM informa que a 2ª Rodada de Disponibilidade de Áreas continua em andamento e terá, a partir da fase atual, novas datas e prazos para finalização do processo. A mudança no cronograma acontece por conta de uma decisão judicial, que paralisou temporariamente os trâmites na última quinta-feira (6). Porém, na manhã desta sexta-feira (7), a decisão foi revogada, retomando o andamento da rodada.

A paralisação se deu em consequência de uma ação impetrada por um dos participantes, que reclama de recursos e prazos referentes a uma única área disponibilizada pela ANM. A 6ª Vara da Seção Judiciária do Distrito Federal determinou por decisão liminar, no dia 26 de abril, a suspensão imediata de qualquer efeito decorrente resultado da 2ª rodada até segunda ordem.

A decisão foi cumprida e a ANM suspendeu nesta quinta-feira o andamento da rodada. Porém, com as informações prestadas pela Agência, o mesmo juiz revogou a decisão, restabelecendo a eficácia do resultado publicado pela ANM para a 2ª Rodada de Disponibilidade de Áreas.

Com a revogação da tutela, a ANM divulgará nos próximos dias, por meio da plataforma SOPLE, novo cronograma de eventos da 2ª Rodada, incluindo a publicação da homologação do resultado e a convocação dos participantes que arremataram áreas na etapa de oferta pública prévia para a apresentação de seus requerimentos de títulos minerários.

Confira mais informações sobre as rodadas [aqui](#).

**Fonte: ANM**

**Data: 07/05/2021**